

Título	Tamar Guimarães	Autor	Adriano Pedrosa
Data	2013	Artista	Tamar Guimarães
Publicação	PEDROSA, Adriano; DUARTE, Luisa. <i>ABC – Arte Brasileira Contemporânea</i> . São Paulo: Cosac Naify, 2013.		

Tamar Guimarães

Adriano Pedrosa: Seus trabalhos mais “brasileiros”, *A Man Called Love: Reading Xavier* (2008) e *Canoas* (2010), parecem revelar certa perspectiva de fora. Como você chegou nesses temas?

Tamar Guimarães: Para mim, não são perspectivas de fora, são as que tenho, mas vivi 25 anos de forma quase nômade fora do Brasil, e isso produz uma certa “desnaturalização” do olhar. Um homem chamado amor é uma projeção de slides acompanhada de narração em torno da figura de Chico Xavier. A princípio me interessava a função do Chico como escriba do outro mundo, havia ali um significado alternativo para o termo ghost-writer, assim como para a morte do autor no sentido do Roland Barthes. O Chico foi funcionário público, datilógrafo numa fazenda-modelo, e a visão do além-mundo que ele descreve em *Nosso lar* (livro psicografado em 1940) é quase um papel-carbono do Estado-nação de Getúlio Vargas. Vendo no Chico a figura do escrivão, do secretário, do assistente (aquele que anota e transmite uma mensagem que talvez não compreenda inteiramente), me fez pensar nas figuras do secretário que aparecem na literatura de Franz Kafka e de Robert Walser. Embora eu tenha escrito a narração em inglês, esse é um projeto conectado à minha infância: eu nasci e cresci em Minas, e Chico sempre esteve presente como um pano de fundo, assim como a esquerda militante e a ditadura militar. O sobrinho do Chico, Salvio Pena, foi meu vizinho quando deixou a prisão política, e minha mãe e seus amigos eram esquerdistas engajados. Talvez o elemento realmente “estrangeiro” no trabalho seja Walter Benjamin, com sua peculiaridade que une misticismo ao desejo político de revolução e ruptura na lógica das coisas. Acho que esse messianismo peculiar de Benjamin foi o que me permitiu pensar no Chico como um profeta que não deu certo, como um místico que perdeu seu encontro com o anjo da revolução. Eu queria fazer uma leitura mística da esquerda e uma leitura social e política do espiritismo e do Chico. Sei que “isso não se faz”, mas “fazer errado” ou pentear a contrapelo é a tarefa do artista. No fundo, o Chico não é realmente o tema central do trabalho, mas sim o meio (ou medium) para canalizar reflexões sobre o Brasil nos últimos setenta anos.

E Canoas?

Canoas foi realizado a convite da 29ª Bienal e rodado em 16 milímetros, com os preparativos para um coquetel na Casa das Canoas como pano de fundo. Minha pesquisa indicou que, nos anos 1950, a casa fazia parte de uma visão mítica do Rio (pelo menos no exterior), como paraíso para o excesso erótico e social. Havia também a ideia de que na arquitetura de Niemeyer existia uma fascinação pela casa-grande e senzala do Gilberto Freyre, algo que teria se explicitado nos azulejos, nas curvas, nas plataformas, no ver e ser visto da casa. Eu quis encenar uma situação que ecoava o uso passado da casa, com seu glamour, e convidar pessoas da cena cultural contemporânea brasileira. Ali, tendo a casa como pano de fundo, como uma espécie de ponte entre os anos 1950 e o presente, encenamos uma festa entremeada por conversas que levantavam pontos desde o início da ditadura militar em 1964 até o presente. *Canoas* foi filmado com uma mistura de atores e não atores. Com poucas exceções, os convidados apareciam como eles mesmos. Mas também foram colocados em situações específicas, e pedi que repetissem coisas que tinham dito antes em conversas comigo ou em palestras, como foi o caso da Suely Rolnik. Como ponto de partida reflexivo, eu havia colocado a ideia de que, ao invés de habitação para as massas, a arquitetura modernista no Brasil foi sobretudo um item de luxo, e que as classes baixas, que prestam serviços domésticos, e que são superpresentes na vida das classes média e alta brasileiras, são um bem inerente à máquina do prazer a que esta arquitetura serve. No Brasil, isso é uma obviedade, é uma história longa e extremamente arraigada. Já me perguntaram se eu estava criticando a

Título	Tamar Guimarães	Autor	Adriano Pedrosa
Data	2013	Artista	Tamar Guimarães
Publicação	PEDROSA, Adriano; DUARTE, Luisa. <i>ABC – Arte Brasileira Contemporânea</i> . São Paulo: Cosac Naify, 2013.		

arquitetura de Niemeyer e a resposta é não. A casa é linda. O problema não é arquitetura, mas sim o que acontece dentro dela. Minha crítica sempre foi a das relações sociais, intersubjetivas, e nada mais do que isso.